

"O sucesso é o último degrau da escada do fracasso" (Ravi Batra)

Max Schrappe

P 7

O Brasil viu nascer este 1991 com um sabor amargo de perda nos lábios, um desânimo que consolida a falta de esperança do povo num futuro melhor. E isso é grave, perigoso. Sai governo, entra governo, e, na prática, nada se altera. O País permanece estagnado, incapaz de superar seus principais problemas. Parece impossível, por exemplo, dominar e vencer a inflação.

Por quase 30 anos, imputou-se a culpa de todos os problemas ao regime militar que comandava o País. O responsável era sempre o autoritarismo e, contra ele, clama-se por liberdade. Vencemos a ditadura. Vieram as eleições livres e diretas e o povo foi levado a escolher, mais uma vez, pessoas ao invés de partidos. Não houve voto consciente e responsável. O que existiu foi, apenas, a escolha emocional, não programática. O povo votou naquele que, para o momento, parecia ser o "menos pior" no sentido de atender aos seus interesses individuais, não aos do País. Votou estimulado pelas ultrapassadas definições de esquerda e direita, já esquecidas nos países avançados.

As surpresas começaram ainda no período da transição. O esperado entendimento não existiu. Aqui no Brasil, o então ministro Mailson da Nóbrega fazia malabarismos para segurar a alta inflacionária enquanto, lá fora, o eleito Fernando Collor fazia declarações alarmantes durante um

"roteiro turístico" de vitorioso candidato à Presidência de país do Terceiro Mundo. Resultado: a inflação chegou a quase 85 por cento, nos índices oficiais. Depois da posse novas surpresas. Mais sacrifícios da sociedade, menos diálogo, sem pensar que não existe um poder único, como inexiste uma só verdade. O povo procura, até hoje, o candidato em quem votou, passando atônito sob o pedestal onde Collor está isolado da realidade. O administrador capaz, o "caçador de marajás" sumiu, em seu lugar surgiu um falso atleta de todos os esportes, um falso publicitário de lances de efeito.

Não precisamos, agora, de novos bodes expiatórios. As responsabilidades precisam ser assimiladas por todos, a confiança precisa ser restabelecida e a luta pelo desenvolvimento é de toda a sociedade. A falta de crédito no Governo estimula o crescimento da inflação. Liberdade não existe pela metade. Não adianta o Governo se isolar, propondo o "pacto social" apenas entre os trabalhadores e as empresas. Os princípios são absurdos, e esse entendimento estará fadado ao impossível. Não poderá haver a pretendida "livre negociação", enquanto estivermos presos aos repetidos "exercícios econômicos" que, numa história de muitos anos, vêm corroendo os salários dos trabalhadores e a estrutura das empresas. A cada novo pacote econômico, a cada nova "experiência" das equipes governamentais, é a sociedade quem paga o preço da derrota.

Antes de exigir sacrifícios da popu-

lação, é preciso ouvir e debater os anseios de todos — do mais simples trabalhador, ao mais destacado empresário. Governos passam, o País e a sociedade continuam. Precisamos, portanto, salvar o País e a sociedade. Ninguém pode acreditar em "entendimento nacional", quando o Presidente diz uma coisa e os seus ministros dizem outra. Medidas provisórias têm feito de todos os brasileiros cidadãos provisórios, num governo onde a única certeza é a de que tudo é incerto.

A sociedade é reflexo do governo. Assim, é preciso conquistar e transmitir confiança. Só o próprio Presidente Collor, por intermédio do mais amplo e livre diálogo, poderá liderar a sonhada reconstrução nacional. Somente ele está em condições de abrir a discussão dos temas mais importantes, estabelecer prioridades e, pela negociação com a sociedade, chegar aos resultados positivos necessários. Realizar, com o apoio de todos, a difícil tarefa de resgatar o País da profunda crise em que se encontra, tirando do ar essa ingrata sensação de véspera do desastre. Mas é preciso ter consciência, coragem e capacidade para vencer as barreiras da política mesquinha praticada pela maioria e, ao lado da minoria responsável dos parlamentares e executivos públicos, junto com toda a sociedade, vencer a desesperança, unir o povo e construir o amanhã.

■ Max Schrappe, empresário, é presidente da Abigraf e do Sindigraf